FEIJÃO

A safra das águas 1985/86 quebrou mais uma vez e a da seca, embora boa, não foi excepcional. O abastecimento, no entanto, não foi prejudicado. O plantio da safra 1986/87 desenvolve-se bem, esperando-se que supere o do ano passado.

O mercado do feijão apresentou ao longo do ano uma tranqüilidade até certo ponto inesperada, diante da quebra da safra das **águas** 1985/86. Afinal, as lavouras foram seriamente afetadas pela estiagem, com um rendimento físico médio, de acordo com o **IBGE**, de 351 kg/ha, 31,5% inferior ao da safra 1984/85. A produção de 1 milhão de t, naquela safra, foi das menores dos últimos anos (ver **Agroanalysis**, volume 10, nº 4, abril de 1986).

No que se refere à safra da **seca**, foi superior à precedente (foram colhidas pouco mais de 1 milhão de t em 1985 e, este ano, estimam-se 1,2 milhão de t), mas a baixa produtividade (468 kg/ha) fez com que a produção se situasse no mesmo nível das safras de 1982 e 1984. Apesar disso, no período de entressafra (agosto a outubro) não ocorreram dificuldades no abastecimento, pois realizaram-se leilões da **CFP**, a safra de **inverno** sempre contribui para **acalmar** o mercado e houve algumas importações.

O **Plano de Estabilização** alterou profundamente o desenvolvimento do mercado. O tabelamento no varejo inviabilizou as operações com alguns tipos de feijão e impediu que eventual baixa das cotações fosse repassada aos consumidores (fato incomum no mercado do feijão, mas que poderia ter ocorrido). Com efeito, uma situação inusitada ocorre há algum tempo no mercado, cujo consumo não se tem expandido como seria de imaginar (ver Quadros 15 e 16). Embora o consumo seja limitado pelo que se oferece a cada colheita (as oscilações da oferta são enormes, como se pode ver no Quadro 15) e não se possa importar grandes quantidades, o comportamento da demanda é intrigante, pois, mesmo com produções pequenas, há sobra, o que sugere uma contínua superestimação da demanda nas estatísticas oficiais. Este ano, quando ingressava a safra da **seca**, já se sabia que o abastecimento estaria tranqüilo, malgrado o desfalque da oferta da safra das **águas**. Como efeito do tabelamento, feijões de algumas origens não tinham mercado nos grandes centros e os intermediários os adquiriam a preços baixos. A margem do varejo, então, beneficiou-se sobremaneira, durante certo período, pois, independentemente do que se pagasse ao atacado (e havia opções diversas) contava-se com um referencial seguro no preço tabelado.

Evidentemente, em um mercado **volátil**, como o do feijão, passa-se, com freqüência, por momentos de **aquecimento** das cotações e, por vezes, ocorreu de os preços de algumas variedades, como o **carioquinha extra**, terem seus melhores tipos cotados a preços muito elevados, o que impedia sua comercialização pela tabela.

Para minorar prováveis problemas futuros no abastecimento, o governo federal anunciou, recentemente, a adoção de medidas que considerou necessárias ao apoio às lavouras produtoras de alimentos, estabelecendo algumas **metas**. No caso do feijão, plantio de ciclo curto, semeado antes das **culturas de verão**, os incentivos teriam de

QUADRO 15 – FEIJÃO – BRASIL – BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA – SAFRAS 1979/80 – 1985/86 (mil t)

ESPECIFICAÇÃO	1979/80	1980/81	1981/82	1982/83	1983/84	1984/85	1985/86
Estoque inicial[1]	304,0	22,0	20,5	655,5	221,6	169,1	330,2
Produção	1.895,2	2.407,0	3.097,6	1.653,9	2.616,1	2.533,8	2.205,2
Importação	36,0	–	–	–	35,0	20,0	...
Oferta total	2.235,2	2.429,0	3.118,1	2.309,4	2.872,7	2.722,9	2.535,4
Consumo	2.213,2	2.408,5	2.462,6	2.079,6	2.698,6	2.392,7	2.400,0
Excedente	22,0	20,5	655,5	229,8	174,1	330,2	135,4
Exportação	–	–	–	8,2	5,0	–	–
Estoque final	22,0	20,5	655,5	221,6	169,1	330,2	135,4

FONTE – CFP.
[1] 1º/11.

QUADRO 16 – FEIJÃO PRETO – BRASIL – BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA – SAFRAS 1979/80 – 1985/86 (mil t)

ESPECIFICAÇÃO	1979/80	1980/81	1981/82	1982/83	1983/84	1984/85	1985/86
Estoque inicial[1]	22,0	19,5	20,5	245,0	86,9	58,2	149,4
Produção	512,9	676,0	904,0	463,1	611,3	540,4	321,1
Importação	33,5	–	–	–	–	–	...
Oferta total	568,4	695,5	924,5	708,1	698,2	598,6	470,5
Consumo	548,9	675,0	679,5	621,2	640,0	449,2	450,0
Excedente	19,5	20,5	245,0	86,9	58,2	149,4	20,5
Exportação	–	–	–	–	–	–	–
Estoque final	19,5	20,5	245,0	86,9	58,2	149,4	20,5

FONTE – CFP.
[1] 19/11.

ser divulgados antes. O VBC o foi, mas o preço mínimo tardou e frustrou os produtores, que esperavam Cz$ 350,00/60 kg (houve, pelo menos, um acréscimo de 9%, passando de Cz$ 292,20, para Cz$ 318,00/60 kg). Este último indicador é de fundamental importância para o produtor de feijão, mais atento às sinalizações dos preços. Em razão do caráter eminentemente **minifundiário** da atividade, o tradicional instrumento de estímulo da política agrícola, o crédito, nem sempre sensibiliza o agricultor, que a ele não tem acesso.

Nesta safra, aliás, algumas inovações poderão prejudicar o pequeno produtor (que terá 100% do VBC, caso plante arroz, feijão, milho e mandioca). Afinal, garantindo a correção do preço mínimo, cada vez que o **Índice de Preços Pagos** subir 20%, assegura ao grande produtor e ao intermediário, que podem **guardar** seu produto por mais tempo, a possibilidade de esperarem um preço melhor. O pequeno vende logo, premido pelo vencimento de suas dívidas.

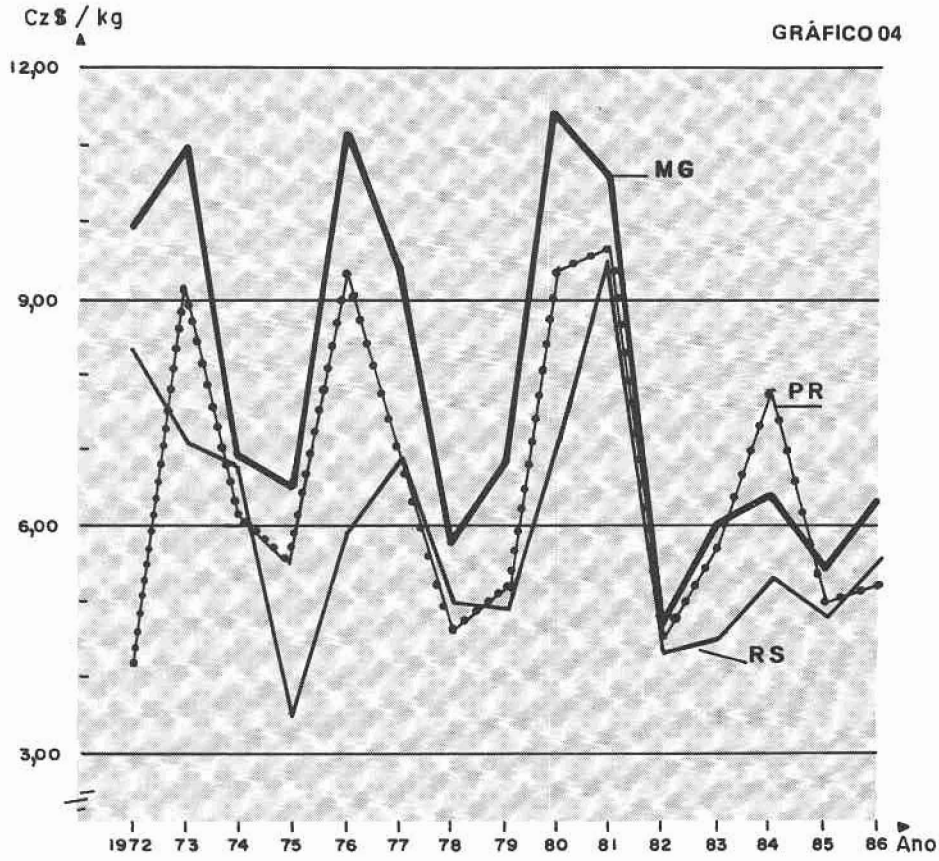
Haverá, também, a obrigatoriedade à rede bancária de destinação de apenas 30% dos recursos de financiamento aos pequenos produtores, sendo que estes não receberam, no Centro-Sul, tratamento diferenciado em relação à taxa de juros, como nas regiões Norte e Nordeste.

Por ser a primeira lavoura a ser cultivada, houve bastante expectativa quanto ao que aconteceria com o feijão. Considerava-se que a área de plantio aumentaria, já que a remuneração dos produtores foi tida como boa, este ano (ver Gráfico 04). Diversos fatores alteraram ligeiramente as intenções de plantio originais, mas, em linhas gerais, estima-se um pequeno aumento.

No Paraná, por exemplo, maior produtor da safra, espera-se, desde o início da semeadura, boa produção. Segundo o **Departamento de Economia Rural**, da **Secretaria da Agri-**

FEIJÃO – PREÇOS RECEBIDOS[1] PELOS PRODUTORES DE MINAS GERAIS, SÃO PAULO E RIO GRANDE DO SUL – 1972-86[2] – Cz$/kg

GRÁFICO 04



FONTE – FGV/IBRE/CEA.
[1] Corrigidos pelo IGP-DI, para julho de 1986;
[2] até julho.

cultura parananense, serão plantados 715 mil ha (no início de outubro, estavam semeados 605 mil ha) e a colheita estará entre as 520 mil t e 580 mil t, nível que pode ser considerado **normal** para o estado (ver Gráfico 05) e, não, excepcional, como vem sendo divulgado.

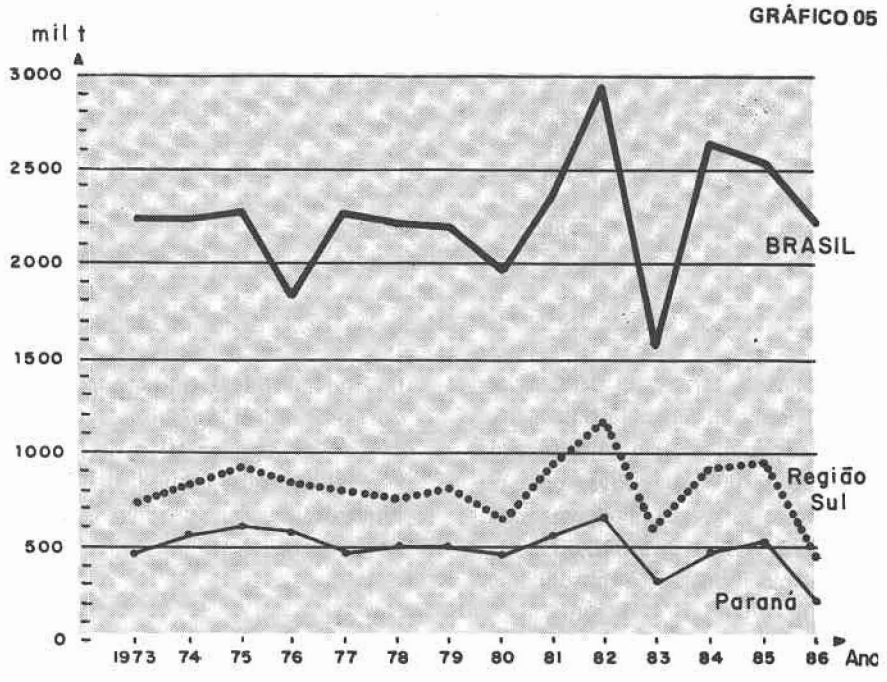
Houve grande procura pelo crédito e não ocorreram problemas de liberação. Esta maior demanda pode ser explicada não só pela eliminação da correção monetária e pela atenção dada aos feijoeiros pelo governo federal, com o adiantamento integral do **VBC**, a cobertura total do **Proagro** e o incentivo à irrigação. Afinal, ainda que pouco, o preço mínimo foi corrigido, e o custo de produção no Paraná (ver Quadro 17) foi calculado, pelo **Deral**, em Cz$ 321,38. Como o preço mínimo oficial deveria corresponder à cobertura dos custos variáveis, não houve grandes reclamações, quando de sua divulgação. É interessante notar a mudança na expectativa do produtor, após o **Plano de Estabilização**. Afinal, em janeiro, com a quebra da safra das águas, houve vendas por até Cz$ 300,00/60 kg, havia cooperativas comprando por Cz$ 310,00 e se considerava possível que as cotações chegassem aos Cz$ 500,00, em breve (chegaram, há pouco tempo).

As condições dos produtores paranaenses não diferem, em grande medida, das de pequenos agricultores de outras regiões (ver **Agroanalysis**, vol. 9, nº 10, outubro de 1985). Não há grande possibilidade de acesso aos recursos oficiais, por parte dos pequenos produtores (menos de 10% da área são financiados), mas, mesmo assim, pode-se dizer que o **VBC** antecipado beneficiou os plantadores da região Norte do estado (plantio de 210 mil ha).

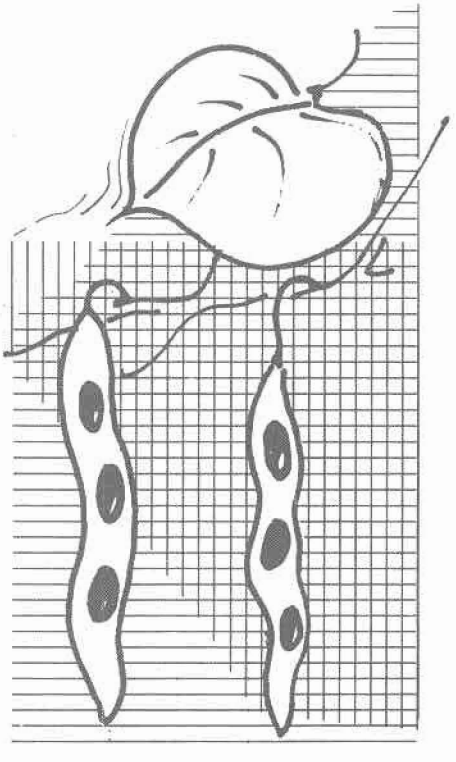
A desastrosa safra 1985/86 provocou descapitalização, o que acarreta a necessidade de obtenção de recursos na rede bancária. Mesmo lavouras que empregaram as sementes da variedade **Rio Negro**, tida como altamente resistente, não agüentaram a falta de chuvas, frustrando o investimento efetuado na melhoria das plantações. Aliás, para a safra 1986/87, tem-se novo lançamento, o cultivar **FT-120**, também aguardado com boas expectativas. O **Rio Negro**, infelizmente, passou a arcar com o estigma do fracasso na safra passada.

FEIJÃO – PRODUÇÃO DO PARANÁ, REGIÃO SUL E BRASIL
1972/73 – 1985/86[1] – mil t

GRÁFICO 05



FONTE – IBGE.
[1] **Estimativa de setembro.**



Em meados de outubro, a semeadura no Norte paranaense estava concluída, mas a do Centro-Sul estava atrasada (juntamente com o Sul do estado, esta região responde por 300 mil ha da área plantada paranaense). Houve pequeno atraso na precipitação pluviométrica e, quando as chuvas retornaram, em fins de setembro, encerrou-se o plantio no Norte e acelerou-se o das demais regiões produtoras. Isto fará com que atrase, também, o ingresso no mercado da produção daquela região, que usualmente é a primeira. Possivelmente, só entrará no circuito comercial em dezembro.

Ainda não se tem certeza dos números da safra. O **Deral** considera o limite maior de sua previsão otimista, pois o Norte não alcançará rendimento físico tão bom quanto o necessário à consecução daquela estimativa (580 mil t). Além do atraso, houve proble-

QUADRO 17 – FEIJÃO – CUSTO DE PRODUÇÃO NO PARANÁ, NA FAIXA DE PRODUTIVIDADE – DE 601 a 800 kg/ha – SAFRA 1986/87 (Cz$/ha)

DISCRIMINAÇÃO	Cz$/ha
● CUSTOS VARIÁVEIS	
Operação de máquinas, implementos e animais	123,18
Mão-de-Obra	934,00
Insumos	
sementes	400,00
fertilizantes	541,10
agrotóxicos	61,00
corretivos	–
Transporte externo	38,40
Outros custos variáveis	41,95
Juros de custeio e Proagro	176,30
TOTAL DOS CUSTOS VARIÁVEIS (A)	2.315,93
● CUSTOS FIXOS	
Depreciação	205,60
Juros sobre o capital fixo	95,62
Mão-de-obra fixa	268,00
Terra	876,60
Outros custos fixos (seguro)	7,21
TOTAL DOS CUSTOS FIXOS (B)	1.453,03
SUBTOTAL (A+B) (C)	3.768,96
IAPAS (D)	87,66
CUSTO TOTAL/HA (C+D)	3.856,62
CUSTO MÉDIO (Cz$/60 kg)	321,38

FONTE – Deral/PR.

mas com a adubação. A disponibilidade insuficiente fez com que fossem usadas formulações inadequadas às condições paranaenses.

Nesta safra, o feijão preto deverá perder um pouco da participação que obteve na safra das águas anterior, quando correspondeu a 63% da produção. Calcula-se que a divisão tradicional (55% cores e 45% preto) voltará, em razão do fraco mercado do feijão preto, deprimido pela chegada de produto importado. A oportunidade destas compras no exterior foi contestada por produtores e alguns órgãos de governo. No entanto, o baixo estoque final previsto (ver Quadro 16) recomendou a medida.

Também em Santa Catarina, o acréscimo do plantio não será significativo, estando estimado pelo **GCEA** em apenas 2%. Na safra passada, a quebra da produção foi traumática, caindo das 229,5 mil t de 1984/85, para apenas 77 mil t. Este fato, mais a morosidade da liberação do financiamento de custeio e a frustração com o preço mínimo tornaram o cultivo do feijão uma atividade pouco atraente. De acordo com o **Instituto Cepa**, os produtores do Alto Vale do Itajaí, que antes cultivavam feijão, preferiram investir no plantio da cebola, levando a uma grande expansão desta lavoura. Além da pouca confiabilidade do plantio do feijão e da situação de seu mercado, a abertura de uma agência bancária em Itopuranga, no Vale do Itajaí, criou facilidades para o financiamento da safra de cebola. No entanto, ao que tudo indica, a opção escolhida não foi boa, pois é esperada produção abundante também no Rio Grande do Sul e o início da safra, em fins de outubro, deparará com um mercado bastante deprimido.

À semelhança do Paraná, espera-se redução do plantio do feijão preto e aumento do carioca. A Cepa considera que também esta escolha pode criar futuras dificuldades, com mudanças na recomendação dos cultivares. Em São Paulo, por exemplo, onde estava entrando o feijão **carioca-80**, foram verificados problemas no atacado, que o considera diferente do tipo preferido pelo consumidor e o deprecia. Contudo, não parece ter havido rejeição significativa no nível do varejo.

Quanto a este último estado, aliás, o **Instituto de Economia Agrícola** ainda não dispõe de estimativas das intenções de plantio e do andamento da semeadura, mas verificou interesse pelo feijão. Com isto concorda um levantamento preliminar efetuado por técnicos da **CFP**, para quem a área plantada poderá aumentar entre **9%** e **15%**. A motivação para este incremento pode ser encontrada nos bons preços que vigoraram em São Paulo, durante quase todo o ano, que culminaram com os atuais Cz$ 520,00/60 kg pagos pelo feijão **carioquinha**. Por ser o mercado **formador de preços** para esta atividade, o agricultor paulista beneficia-se das vendas feitas no próprio estado.

A existência de lavouras irrigadas em São Paulo (que permitem a realização da safra de **inverno**) também serve como demonstração de que é possível tecnificar com êxito a cultura. Assim, a liberação de financiamento específico, pela **Caixa Econômica Federal**, constitui um estímulo a mais e pode ampliar a segurança das lavouras de feijão, sempre um investimento de alto risco.

Também como alternativa de melhoria das condições da lavoura, pode ser citada a proposta da **Delegacia Regional de Sorocaba**, da **Associação dos Engenheiros Agrônomos de São Paulo**, que retoma a idéia de redução do **ICM** incidente sobre o feijão, associada à criação de um fundo de investimento. Este seria aplicado na formação de uma boa infra-estrutura de produção e comercialização, em uma área em que o rendimento físico das plantações é baixo.

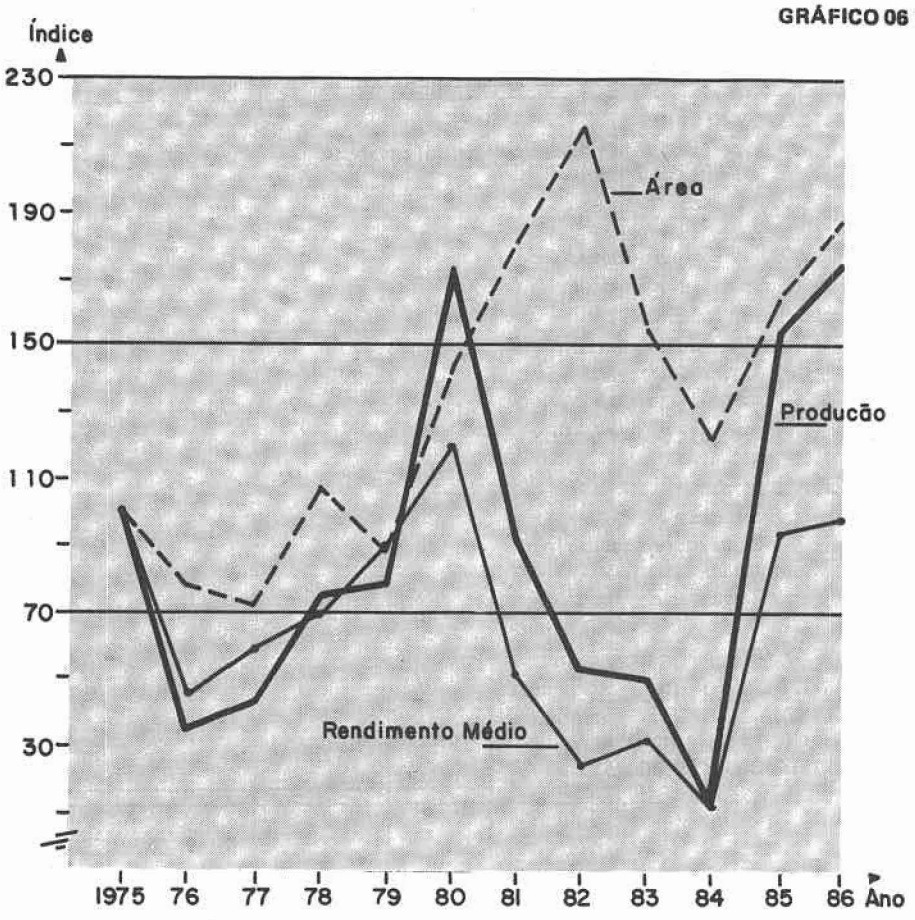
Grande motivação pelo plantio foi detectada na Bahia, onde, segundo a **Cepa**, só em Irecê, serão cultivados 300 mil ha, caso haja a necessária disponibilidade de sementes e recursos para o custeio das lavouras, até o fim de outubro. Naquela importante zona de produção, a área já está preparada, com 80% arados, mas o plantio ainda não começou. Ali, adota-se o consorciamento com o milho e a mamona, mas esta última, em função da má comercialização da safra passada, com vendas pelo preço mínimo, deverá perder área. Segundo a **Cooperativa Agrícola Mista de Irecê**, a área potencial para o cultivo destas três lavouras, na região, é de 600 mil ha.

O bom desempenho de Irecê é fundamental para o abastecimento regional. Há, porém, fortes variações no rendimento físico das plantações baianas (ver Gráfico 06). A **segunda** safra, encerrada em agosto, teve sua produção reduzida, mais uma vez. Considera-se, atualmente, uma colheita de apenas 80 mil t, com um rendimento físico médio de 314 kg/ha.

No Rio Grande do Sul, cuja safra das **águas** anterior foi igualmente muito baixa (30,6 mil t, enquanto a de 1984/85, foi de 115 mil t), com um rendimento físico médio de irrisórios 217 kg/ha, espera-se também pequeno aumento no plantio, talvez em torno de 5%. Na região de Sobradinho, a queda da lucratividade das lavouras do fumo acarretou maior interesse pelo feijão e, segundo a **CFP**, o plantio deverá aumentar até 20%. Isto, apesar dos cálculos do custo de produção levarem a uma cifra maior do que o preço mínimo de garantia. De fato, o custo, calculado pela **Cooperativa Regional Tritícola Serrana**, foi de Cz$ 398,51/50 kg, para uma produtividade elevada, de 1.020 kg/ha. Segundo a mesma fonte, o **preço necessário** ("custo de produção acrescido de uma margem de lucro que remunere satisfatoriamente o produtor", ou seja, incorporando-se ao custo total os 30% de margem de ganho previstos pelo **Estatuto da Terra**) para a remuneração do produtor de feijão seria de Cz$ 444,35/50 kg, cotação já alcançada por algumas variedades.

FEIJÃO – PRODUÇÃO DA PRIMEIRA SAFRA DA BAHIA – 1975–86
(1975 = 100)

GRÁFICO 06



FONTE – Cepa/BA.

Existe como fator de incentivo, outrossim, a iniciativa da **Emater-RS**, de recomendar que parte da área antes dedicada à soja passe ao feijão. No Norte gaúcho, porém, a área plantada não aumentou, pois não houve sementes. Este ano, aliás, devido à forte quebra da safra das **águas**, escassearam até as sementes comuns (normalmente, 30% da área recebem sementes fiscalizadas e, atualmente, não se deve chegar aos 10%) que foram adquiridas em outros estados. Isto cria alguma dúvida quanto ao desempenho das plantações e, posteriormente, quanto à aceitação do produto.

O principal problema, agora, é o suprimento do mercado gaúcho até o final do ano, pois o produto detido pela **CFP** não corresponde ao normalmente consumido e é considerado caro.

Assim, em linhas gerais, supõe-se que a safra das **águas** 1986/87 reúne condições para propiciar uma oferta substancial, caso não ocorram repentinas dificuldades climáticas. O abastecimento não deverá apresentar problemas, pois em breve ingressará o produto novo em grande quantidade e os preços estão sendo considerados bons, embora persista o referencial do preço tabelado no varejo. No que se refere ao consumo final, dever-se-ia promover uma avaliação de seu comportamento, diante do aumento do poder aquisitivo do salário mínimo, já que a demanda não parece estar crescendo como se esperava.